

Jalles Costa



UM HERÓI DE VERDADE

Revisão, atualização e acréscimos:
**Ir. Adalberto Batista Amaral e
Wilson Fernando Pereira da Silva**



PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-NORTE

Jalles Costa



Edição comemorativa pelos 25 anos da canonização de
São Marcelino Champagnat 1999 – 2024

Revisão, atualização e acréscimos:
Ir. Adalberto Batista Amaral e Wilson Fernando Pereira da Silva

3ª edição

BRASÍLIA – DF 2024



PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-NORTE

UM HERÓI DE VERDADE

Edição comemorativa pelos 25 anos da canonização de
São Marcelino Champagnat 1999 – 18 de abril – 2024

Jalles Costa

Revisão, atualização e acréscimos
Ir. Adalberto Batista Amaral, FMS e
Wilson Fernando Pereira da Silva

Revisão Ortográfica e Gramatical

Anasilvia da Silva Ramos Favarato
Ana Cristina Paixão

Ilustrações

Ir. Danilo Ferreira Silva

Diagramação e Projeto Gráfico

Wanne Mirelle Barbosa dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Jalles

Um herói de verdade / Jalles Costa ; revisão,
atualização e acréscimos Adalberto Batista Amaral,
Wilson Fernando Pereira da Silva. -- 3. ed. --
Brasília, DF : Ed. dos Autores, 2024.

ISBN 978-65-01-10811-7

1. Champagnat, Marcelino, Santo, 1789-1840
2. Instituto dos Irmãos Maristas - História
3. Província Marista Brasil Centro-Norte
4. Santos católicos - Biografia I. Amaral,
Adalberto Batista. II. Silva, Wilson
Fernando Pereira da. III. Título.

24-219274

CDD-282.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Santos : Igreja Católica : Biografia 282.092
- Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Sumário

Um lar abençoado	15
Marcelino cresce	17
Na escola	19
Vocação	21
Primeiras dificuldades	23
No seminário	25
No seminário maior	27
Férias	31
Padre	35
La Valla	39
Reformas	41
Sinal decisivo	43
Com o trabalho das mãos	47
A vocação imprevista	49
A primeira escola	51
Uma história verdadeira	53
A escola de Marllhes	55
Progresso	57
A prova do sorimento	59
Nova construção	61
Doença	63
Aprovação oficial	65
O Marquês	67
O lembrai-vos na neve	69
O sucessor	71
O fim aproxima-se	73
A unção dos enfermos	75
A luz apaga-se	81
A despedida	83

Superior Provincial

Ir. José de Assis Elias de Brito

Vice-Provincial

Ir. Adalberto Batista Amaral

Conselheiros Provinciais

Ir. Davi Nardi

Ir. Lúcio Gomes Dantas

Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa

Ecônomo Provincial

Ir. José Augusto Júnior

Secretário Provincial

Wilson Fernando Pereira da Silva

Pedidos: secprobcn@marista.edu.br

Este livro foi impresso em Brasília – DF, em 2024.



“

Ainda me vejo entrando
no modesto quarto do Fundador.
Recordo a impressão que tive quando
vi seu talhe alto e majestoso.
Apresentava-se bondoso e sério ao mesmo tempo.
Inspirava respeito.
Tinha as faces emagrecidas,
os lábios pouco salientes, parecendo sorrir,
os olhos penetrantes e perscrutadores.
A sua voz era forte e sonora,
pronunciando as palavras com clareza,
bem articuladas, sem laconismo nem prolixidade.
Todo o seu corpo era bem proporcionado.
Assemelhava-se a um desses modelos de santidade
que vemos estampados nos quadros religiosos.

(Irmão Sylvestre)

”

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Com gratidão escrevo estas singelas linhas de apresentação desta magnífica obra, *“Um Herói de Verdade”*. Alegro-me muito esse esforço de sistematização acerca do testemunho e da personalidade evangélica de nosso pai fundador. Sinto que esta é uma ação extremamente pertinente para garantir que as gerações vindouras possam ter a graça e o direito de desfrutar de tamanho exemplo cristão.

Esta terceira edição é um tesouro resgatado da história de nossa Província Marista Brasil Centro-Norte, em um momento extremamente pertinente da história de nosso Instituto, uma vez que celebramos 25 anos da canonização do próprio Marcelino Champagnat e ainda celebramos 200 anos da Casa de L'Hermitage, espaço muito caro ao fundador.

Jalles Costa, com seu estilo literário próprio, claro e acessível, nos conduz por uma narrativa rica em detalhes e sentimentos. Ele nos possibilita uma caminhada crescente, desde a infância humilde de Marcelino, passando por sua vocação sacerdotal, até a fundação do Instituto dos Irmãos Maristas. Cada capítulo é uma lição a todos os maristas, filhos do coração do fundador e da Boa Mãe.

O autor utiliza uma linguagem afetiva e direta, o que torna a leitura envolvente a todos os leitores, em todos os espaços e lugares da vida e missão marista em que estejam vivenciando as suas respectivas vocações.

É importante ressaltar, ainda, que esta obra é permeada por diálogos que dão vida a personagens e situações, ilustrando os diálogos e as parcerias de Champagnat com outras pessoas e destacando a personalidade compassiva e dedicada do fundador. Jalles Costa, um exímio educador, imprime à narrativa uma qualidade didática, ensinando-nos valiosas lições sobre humildade, serviço e amor ao próximo.

O contexto histórico é detalhadamente descrito, situando a biografia de Champagnat em meio aos desafios da Revolução Francesa e às condições sociais e culturais da época. Essas referências enriquecem nossa compreensão da importância das atitudes amorosas de Champagnat e da relevância de seu legado.

“Um Herói de Verdade” é mais que uma biografia; é um reconhecimento agradecido, uma homenagem tocante a um homem cuja vida foi um exemplo de fé inabalável e dedicação à educação e evangelização de crianças, adolescentes e jovens.

Por meio desta obra, somos inspirados a refletir acerca da nossa própria vida e vocação, bem como aprofundar sobre a importância de vivermos com um propósito, uma causa que nos anime a transformar o mundo.

Desejo que esta leitura seja também uma oração, uma causa vocacional de discernimento, a todos aqueles maristas que vivem o Carisma de Champagnat. E que nos faça sempre mais crescer em conhecimento e amor ao nosso fundador.

Ir. José de Assis Elias de Brito
Superior Provincial

Fac-símile do Prefácio da Primeira Edição
Recife – PE (1960)¹

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

A EDITORA HORIZONTES sente-se honrada em apresentar ao GRANDE PÚBLICO, este trabalho, executado com todo o cuidado, tratado com muito carinho e conduzido com a máxima diligência.

Certos de que o autor não alimenta outra pretensão que não seja a de SERVIR, estamos convencidos de haver ele conseguido realizar seu elevado objetivo.

UM HERÓI DE VERDADE é a vida do Fundador dos Maristas escrita para ser lida por «pequenos» e «grandes».

Até mesmo os que não dispõem de tempo a poderão ler.

Depois, talvez leve à reflexão.

Contém muitas idéias em poucas palavras.

JALLES COSTA pode considerar-se satisfeito. Além de ter sido muito feliz na execução de tão delicada tarefa, ainda teve a «sorte grande» de descobrir um artista do gabarito de JOSÉ CLÁUDIO, para lhe ornamentar a criação.

As ilustrações, também inspiradas pelo amor, brotaram-lhe do coração, ao natural, e assim foram jogadas na tela, sem retoques e sem requintes. Diz ele ter sido esta a produção mais espontânea de sua carreira de artista.

Salientamos ainda o cuidado, a paciência e a capacidade profissional com que AMARO PONTUAL executou a impressão dos cromos.

UM HERÓI DE VERDADE É UM HINO DE AMOR.

Com amor trabalharam todos quantos participaram de sua realização.

A. dos Santos

1. Provincialato do Ir. Guy Maurice (1954 – 1962), Província Marista do Brasil Norte.

Fac-símile da Apresentação da Segunda Edição
Recife – PE (1976)²

APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA EDIÇÃO

É com grande satisfação que a EDITORA HORIZONTES volta a oferecer, com novo aspecto, ao GRANDE PÚBLICO, em 2.º edição, «sem acréscimos e sem cortes».

UM HEROI DE VERDADE.

A mensagem transmitida por estas rápidas pinceladas da vida do FUNDADOR DOS MARISTAS, especialmente destinada aos «sem tempo», continua atual e atuante.

É a eterna mensagem do amor.

Qual alimento concentrado, poderá ser deglutida de uma só vez, mas, para produzir bons resultados, deverá ser digerida com vagar e tranquilidade.

A. dos Santos

2. Provincialato do Ir. Paulo Naufel (1972 – 1978), Província Marista do Brasil Norte.

Prefácio da Terceira Edição

Brasília – DF (2024)³

Caros leitores, com alegria apresentamos a 3ª edição desta obra maravilhosa que é o livro **Um Herói de Verdade**, escrito por Jalles Costa. Trata-se de uma forma breve e bem apresentada da vida de São Marcelino Champagnat, fundador do Instituto dos Irmãos Maristas. A oportunidade da 3ª edição deste livro foi, com certeza, uma experiência incrível, por meio da qual pude, ao lado de Wilson Fernando Pereira da Silva, rememorar o quanto *Um Herói de Verdade* foi e é importante em nossas trajetórias. A ele fui eu quem apresentei este livro quando de nosso Vocacionado, ao final dos anos 1980. Para mim, foi este mesmo livro que embalou minha jovem vocação alguns anos antes. Trilhamos caminhos diferentes e complementares: eu como religioso, ele como nosso colaborador. Podermos estar envolvidos, juntos, nesta 3ª edição é bem mais que um prazer; é um resgate de nossas existências e do quanto São Marcelino Champagnat foi e é importante em nossas vidas, na vida de todos aqueles que folhearam e folhearão este livro.

As duas primeiras edições deram-se no período em que Marcelino ainda era bem-aventurado (1ª em 1960 e 2ª em 1976). Neste ano de 2024, em que se comemoram os 25 anos de sua canonização, achamos por bem fazer uma edição atualizada e revigorada desta publicação, para que ela continue a fazer bem a crianças, adolescentes e jovens que a lerem. Aproveitamos e, nesta oportunidade, também, rendemos graças ao seu autor, o inesquecível Jalles Costa, homem de fé que nos brindou com este belo resumo biográfico.

Desejosos de que as novas gerações encantem-se e de que os que já conhecem esta obra maravilhem-se. Esta foi, sem dúvidas, a força que nos incentivou e nos motivou a levar este trabalho a termo.

Boa leitura!

São Marcelino Champagnat, rogai por nós!

Ir. Adalberto Batista Amaral
Vice-Provincial

3. Provincialato do Ir. José de Assis Elias de Brito (2021...), Província Marista Brasil Centro-Norte.

O autor de Um Herói de Verdade, Jalles Costa (1932 – 2003)

Jalles Costa nasceu em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, em 28 de setembro de 1932, em uma família cristã católica (apostólica romana). Filho de Antônio Costa de Oliveira e Maria Jalles Costa. Com apenas 15 anos de idade incompletos, em 11 de janeiro de 1947, entrou para o Juvenato Marista, em Apipucos, Recife – PE, visando iniciar seus estudos, com o intuito de ser irmão marista.

No ano em que completou 18 anos, em 20 de janeiro de 1950, tomou o hábito religioso marista⁴, em Apipucos, Recife – PE, onde fez seu noviciado. Sua religiosidade, disciplina e profundo amor aos estudos eram agentes impulsionadores em sua alentada caminhada vocacional.

Um ano após, em 20 de janeiro de 1951, emitiu seus primeiros votos religiosos de castidade, obediência e pobreza. Um pouco mais tarde, com alegria, entusiasmo e muita serenidade, deu um passo definitivo, emitindo seus votos perpétuos no Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. Era o dia 28 de janeiro de 1956, festa de Santo Tomás de Aquino, santo que muito o inspirava⁵.

Durante sua trajetória como irmão marista, foi exímio professor de várias cadeiras, sobretudo de humanidades, em várias unidades escolares da Província, sendo, sempre, muito elogiado por seus superiores por sua eloquência, didática, conhecimento e espírito mariano. Procurava preparar suas aulas de forma singular e com esmero, incitando nos alunos o interesse por aprender. Era um verdadeiro mecenas⁶ na arte de bem ensinar.

4. Ao entrar no noviciado, **Jalles Costa recebeu o nome religioso “Cláudio Celestino”**. Nome religioso é um tipo de prenome usado por alguém por motivos religiosos. Após se juntar a determinada ordem ou congregação religiosa, um novo membro adotava um nome religioso. Caiu em desuso na maioria das congregações religiosas após o Concílio Vaticano II, embora ainda seja utilizado em algumas ordens monásticas.

5. **São Tomás de Aquino**, em italiano Tommaso d'Aquino (*Roccasecca, 1225, +- Fossanova, 7 de março de 1274), foi um frade católico italiano da Ordem dos Pregadores (dominicano) cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica. Por isso, é conhecido como *Doctor Angelicus*, *Doctor Communis* e *Doctor Universalis*. “Aquino” é uma referência ao condado de Aquino, região que foi propriedade de sua família até 1137.

6. **Mecenas**: indivíduos ou instituições que protegem as letras e as artes, ou que **patrocinam e investem em arte, cultura** e eventos culturais.

Seu grande amor pelo fundador do Instituto dos Irmãos Maristas, São Marcelino Champagnat, sua dedicação pelas letras e seu empenho em tornar a vida e a obra de São Marcelino conhecidas e amadas levaram-no a escrever, na década de 1960, o livro *Um Herói de Verdade*. Era um entusiasta da vida e da missão marista.

Dados o seu interesse e amor pelo saber e, especialmente, a sua devoção à arte de bem educar, foi escolhido pelos seus superiores e enviado para a França, em outubro de 1965, para fazer pós-graduação em Literatura, na Sorbonne Université⁷. Lá estudou até dezembro de 1969, tendo recebido *lauréa*⁸ como aluno dessa conceituada instituição de ensino.

A vida segue depressa e seu brilhantismo perdura. É muito estimado e admirado por seus irmãos religiosos e por seus alunos. Contudo, a vida religiosa inquieta-o, e o desejo de constituir família impele-o a deixar o estado religioso. Em 8 de setembro de 1970, após pouco mais de 20 anos de sua entrada no noviciado, deixou o Instituto dos Irmãos Maristas. Foi um choque para todos. Como ficar sem o grande Jalles Costa? Como perder esse exímio educador?

Após deixar a vida religiosa, Jalles Costa voltou para Natal – RN, sua terra de origem. Formado em Direito, tornou-se eminente advogado, mas sem perder o foco de distinto educador. O estudo do Direito aclarou ainda mais sua inteligência e deu asas à sua imaginação criadora.

Como docente, teve várias experiências, sobretudo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde integrou o Departamento de Direito Privado do Curso das Leis. Lecionou Introdução à Ciência do Direito, disciplina filosófica dessa ciência social aplicada, entre outras disciplinas. Nesse ofício pedagógico, distinguiu-se como um dos melhores docentes.

Como homem do Direito e dotado de grande inteligência lúcida, desempenhou cargo superior em uma instância administrativa no Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Norte. Advogado militante, ao longo dos anos, prestigiou, com seu saber jurídico e seu

7. **Sorbonne Université:** é uma universidade pública de pesquisa, em Paris, França, frequentemente listada entre as melhores universidades do mundo.

8. **Lauréa:** coroa de louros; laurel; recompensa ou prêmio; grau universitário, licenciatura, o que se oferece a alguém em retribuição a alguma coisa; homenagem.

trabalho diligente, a classe menos favorecida, a que sempre procurou defender, especialmente em assuntos que tocam aos direitos humanos e à cidadania. Exerceu, ainda, o cargo de procurador-geral do estado, com serenidade, honradez e competência.

Nessa fase laica, Jalles Costa apurou seu espírito com o estudo, e dele fez hábito uma segunda natureza. Por meio dele, manteve aceso o cérebro de homem inteligente e ilustrado em ciência e religião.

Podemos, assim, afirmar que a cultura do autor de *Um Herói de Verdade* é um **amálgama da fé com a razão**. Fé que trouxe do berço e se solidificou como religioso marista. Razão que construiu com suas experiências, seus estudos acadêmicos e a docência do Direito, afigurando-se como um verdadeiro cristão-humanista. A ele, nosso respeito, carinho e admiração.

Hoje, no campo civil, ele dá nome, em justa homenagem póstuma⁹, ao Fórum dos Juizados Cíveis da Comarca de Natal Professor Jalles Costa¹⁰, situado na Praça André de Albuquerque, nº 534, Cidade Alta, Natal – RN. E nós, no campo religioso, dentro das comemorações dos 25 anos da canonização de São Marcelino Champagnat, também o homenageamos postumamente, com esta 3ª edição do livro *Um Herói de Verdade*, evocando sua vida, sua missão e sua atuação como religioso e homem de Deus. A Jalles Costa, por tudo que fez em sua rica existência, nosso muito obrigado!

Wilson Fernando Pereira da Silva
Secretário Provincial

9. Jalles Costa faleceu em Natal – RN, no ano de 2003.

10. Resolução nº 49, de 17 de dezembro de 2021: “O TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das suas atribuições legais, e tendo em vista o que foi deliberado, por videoconferência, na Sessão Plenária do dia 15 de dezembro de 2021, RESOLVE: Art. 1º Fica denominado de “**Prof. Jalles Costa**” o Fórum dos Juizados Cíveis da Comarca de Natal, a ser instalado no prédio localizado na Praça André de Albuquerque, nº 534, Cidade Alta, em Natal/RN”.



I

UM LAR ABENÇOADO

No ano de 1789, rebenta na França uma grande revolução. Na história universal, nós a estudamos sob o título de Revolução Francesa.

Longe, bem afastado dos centros revolucionários, acha-se o vilarejo de Marlhès. Nos arredores dessa pequena aldeia, encontra-se a propriedade dos Champagnat. A família é numerosa.

O pai, João Batista Champagnat, é um homem honrado. Em casa, todos o amam. Na região, todos o estimam. Um dia, ele será mesmo nomeado Coronel da Guarda Cívica (uma liderança local). A mãe, Maria Chirat, mulher cristã e mãe que não media sacrifício para bem educar seus filhos na doutrina e tradição católicas.

No dia 20 de maio de 1789, a casa dos Champagnat está em rebuliço. A alegria é de todos: dos parentes, dos amigos, dos vizinhos. Maria Chirat havia dado à luz um menino. No dia seguinte, a criança foi batizada. Seu nome: MARCELINO JOSÉ BENTO CHAMPAGNAT.

Há, diante de todos os berços do mundo, a mesma pergunta que fizeram em torno do recém-nascido: — O que virá a ser este menino?

“Pois todos os que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo.”

(Gal 3,27)



II

MARCELINO CRESCE

Marcelino cresce como qualquer menino de sua terra. A vida em Marlhês é dura. A terra é pobre e há pedras por toda parte. Os agricultores tinham de trabalhar penosamente.

No verão, Marcelino ia olhar a colheita. Ele, que pensava ser agricultor como todos os seus conterrâneos, tinha inveja de não poder ainda ajudar os adultos. De vez em quando, alguém o deixava subir em uma carroça que transporta cereais. Sua alegria, então, era imensa.

Durante esse tempo de trabalho, as famílias agrupavam-se para se ajudarem mutuamente.

A colheita era uma festa. Quando ela terminava, os meninos ficavam tristes.

Depois vinha o inverno. Um longo inverno com neve, gelo e vento frio soprando sem pena de ninguém. Toda a região ficava coberta de neve. Os caminhos desapareciam. As árvores perdiam as folhas.

O silêncio dominava tudo. Era a época das famílias fabricarem pequenas peças de metal para as indústrias das grandes cidades vizinhas. Era o tempo das famílias reunirem-se em torno da lareira para ouvirem as histórias das avozinhas, os conselhos dos pais e os catecismos das mães. Era a época, também, dos meninos irem à escola.

“Entretanto, o menino crescia e robustecia-se, enchendo-se de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele.” (Lc 2,40)



III

NA ESCOLA

Naquele tempo, o ensino não era obrigatório nem havia escolas em número suficiente para a população do país, só nas grandes cidades funcionava o curso secundário. Os meninos do interior da França aprendiam a ler em casa, quando os pais sabiam para ensinar. Senão, tinham de ir a uma escola particular ou, então, não iam à escola alguma, porque havia pais que achavam que aprender a ler não servia para nada.

João Batista Champagnat sabia ler e escrever, mas não tinha tempo de ensinar aos filhos o pouco que sabia. No entanto, fazia questão de os enviar à escola.

Um dia, Marcelino, de volta das aulas, chega em casa dizendo: — Papai, acabou-se. Não vou mais à escola. Amanhã fico em casa. O menino estava transtornado. Seu professor havia dado um tapa em um aluno, sem nenhuma razão. Só porque o pobrezinho, por distração, havia começado a ler em lugar de outro.

— Não vou mais. O que ele fez hoje com meu colega pode fazer amanhã comigo. Não vou mais. Compreenda. É justo bater em um menino? Não vou mais.

O pai de Marcelino podia ter-lhe dito que, para aprender a ler, vale a pena fazer um sacrifício. Mas não o disse.

Marcelino voltou, então, às suas ocupações de pequeno camponês. Ele tinha de que se ocupar. Seu pai não lhe havia dado de presente um casal de ovelhas? Agora era fazer delas a base de um grande rebanho.

“Quanto ao mais, irmãos, fortalecei-vos no Senhor, pelo seu soberano poder.”

(Ef 6,10)



IV

VOCAÇÃO

Marcelino tinha 12 anos quando fez a primeira comunhão. Hoje isso é comum. À época, não. Só se fazia a primeira comunhão entre os 14 e os 15 anos de idade.

Sua vida decorria normalmente. Seria camponês, como os outros. Nada faria supor que, em breve, sua existência mudaria de rumo.

Um dia, Marcelino voltou para casa, depois de uma manhã de trabalho no moinho de seu pai. O moinho de João Batista Champagnat era conhecido na redondeza. De lá, saía o trigo moído que as donas de casa transformavam em pão.

Na sala, estava um padre. Percorria a região para explicar às famílias que o Imperador Napoleão I havia permitido a reabertura dos seminários, fechados nos primeiros tempos da Revolução.

— Aqui está um padre, disse João Batista Champagnat. Procura meninos que tenham vocação e queiram entrar no seminário. Você quer ir?

— Não senhor! — respondem, sucessivamente, os irmãos de Marcelino.

— E você, Marcelino?

— Eu... eu... bem... talvez... mas nunca havia pensado... se...

O menino estava visivelmente emocionado. O padre explicou-lhe, então, a necessidade que tem a Igreja de Jesus Cristo de pessoas que se consagram aos outros, aos mais necessitados, aos que esperam o Evangelho para darem um sentido à existência.

O padre não quis forçá-lo a entrar no seminário.

Apenas pediu que refletisse, que pensasse bem. — Se Deus quiser, serei padre! — pensou Marcelino.

Marcelino havia tomado um caminho do qual nunca mais se afastaria.

“Vinde após Mim e Eu farei de vós pescadores de homens.” (Mt 4,19)



V

PRIMEIRAS DIFICULDADES

A primeira grande dificuldade para a entrada de Marcelino no seminário eram os estudos. Já era adolescente e tinha pouca escolaridade. Como poderia ele acompanhar os cursos do seminário?

Sua mãe resolveu mandá-lo a uma cidade vizinha. Lá morava uma irmã de Marcelino, casada com um professor. Mas este, em vez de encorajar o cunhado, só fazia desanimá-lo:

— Você é pouco inteligente. Você não aprende. É melhor desistir.

Certamente, no meio daquelas dificuldades, Marcelino lembra-se da fazenda com o moinho, o rio, a colheita, as brincadeiras e os colegas. Mas uma ideia anima o futuro seminarista: Deus me chama para ser padre!

Foi por esse tempo que morreu seu pai. Todo o povo de Marlhês lamentou o falecimento de João Batista Champagnat. A família sentiu enormemente a falta do chefe extraordinário. Mas tudo foi aceito, cristãmente. O cristão sabe que Cristo venceu a morte e que Ele, um dia, ressuscitar-nos-á.

Como as finanças estavam desequilibradas desde a morte do pai, Marcelino vende o resto de seu pequeno rebanho de ovelhas, junta o dinheiro às economias que já vinha fazendo e compra seu enxoval sem pedir dinheiro a ninguém.

Agora era tratar de partir para o seminário. Não pensem que é fácil deixar a família e os amigos. É difícil. Por isso Cristo fez, um dia, uma promessa aos que deixam tudo para seguirem seu chamado: *“Eu garanto a vocês: quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, campos, por causa de mim e da Boa Notícia, vai receber cem vezes mais. Agora, durante esta vida, vai receber casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, junto com perseguições. E, no mundo futuro, vai receber a vida eterna”* (Mc 10,29-30).

“Andai sempre alegre, orai sem cessar.” (1Tes 5, 16-18)



VI

NO SEMINÁRIO

Outubro de 1805. Em uma das classes mais atrasadas do Seminário Menor de Verrières¹¹, está um rapaz de 16 anos. O maior da turma e, também, o menos adiantado. É Marcelino Champagnat. Venceu, heroicamente, as primeiras lutas e ali está ele, entre meninos, estudando as primeiras lições de latim.

A princípio, acham graça dele por causa de seu tamanho, de seu atraso, de suas roupas de camponês. Marcelino, no entanto, pelo seu comportamento, seu esforço e seu espírito de camaradagem, vê-se, em breve, cercado da amizade de todos os colegas. Torna-se mesmo o líder dos 50 seminaristas de Verrières. Quando a Direção do seminário pensa nomear um responsável pelo dormitório, todos apontam Marcelino.

Como responsável pelo dormitório, ele tinha de ficar acordado até um pouco mais tarde que os outros. Então, aproveitava para estudar. Enquanto os colegas dormiam, ele estava agarrado aos livros.

Em pouco tempo, Marcelino torna-se um dos primeiros alunos de sua classe.

No seminário, ele era uma espécie de irmão mais velho de todos os seminaristas. Um dia, um colega estava decidido a deixar o seminário. Tudo isso por causa de um castigo que ele achava injusto. Marcelino, embora concordando com o colega sobre a injustiça do castigo, explicou-lhe que a vida tem dessas coisas, mas que não se deve desanimar diante da primeira dificuldade que aparece.

O seminarista refletiu melhor e resolveu ficar. Chegou ao sacerdócio e nunca esqueceu o amigo que o aconselhou em um momento de dúvida e tristeza.

“Na verdade, em tudo isso só vejo dano, comparado com o supremo conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por Ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo.” (Fl 3,8)

11. **Verrières**: pequena comunidade próxima a Montbrison. **Montbrison** é uma comuna francesa na região administrativa da Auvérnia-Ródano-Alpes, no departamento do Loire. Estende-se por uma área de 16,33 km².



VII

NO SEMINÁRIO MAIOR

Terminado o curso de Verrières, Marcelino ingressa no Seminário Maior de Santo Ireneu, em Lyon¹², no ano de 1812. No Santo Ireneu, ele teve a sorte de encontrar colegas extraordinários, entre os quais João Batista Vianney¹³, o futuro Santo Cura d'Ars.

12. **Lyon**: cidade na histórica região francesa do Ródano-Alpes, está situada na junção dos rios Ródano e Saône. Seu centro reflete 2.000 anos de história, com o anfiteatro romano Trois Gaules, arquitetura medieval e renascentista na Lyon antiga, e o moderno bairro de Confluence na península de Presqu'île. Traboules, passagens cobertas entre construções, conectam a cidade antiga à colina La Croix-Rousse.

13. **João Maria Vianney** nasceu em 8 de maio de 1786, em Dardilly, próximo de Lyon. Seus pais eram camponeses e, desde pequeno, encaminham-no ao trabalho da lavoura, tanto que, aos 17 anos, João ainda era analfabeto. Aos 17 anos, João sentiu-se chamado ao sacerdócio. "Se eu fosse padre, queria conquistar muitas almas", disse ele. Mas, não era fácil atingir essa meta, por causa dos seus poucos conhecimentos culturais; nisso se assemelhava bastante com Marcelino Champagnat. Mas, graças à ajuda de sacerdotes sábios, entre os quais o Abbé Balley, pároco de Écully, recebeu a ordenação sacerdotal, em 13 de agosto de 1815, com a idade de 29 anos.



Marcelino faz parte, também, de um grupo de seminaristas que se reúnem frequentemente para discutirem problemas da Igreja. Aos poucos, o grupo evolui para a ideia de fundar um instituto religioso dedicado à ação missionária em países que ainda não haviam recebido a mensagem do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esse grupo é a semente da futura Sociedade de Maria¹⁴. Mais tarde, em 1836, ela receberá do Papa Gregório XVI a missão de evangelizar a Oceania.

Marcelino esteve sempre de acordo com os colegas. Entretanto, a seu ver, a Sociedade de Maria devia ter um ramo, composto de Irmãos, religiosos e leigos, que se dedicasse à educação cristã da juventude não apenas em países pagãos, mas em qualquer parte do mundo onde a Igreja precisasse de apóstolos para a educação. Em cada reunião do grupo, Marcelino fala sempre de seu projeto. Um dia, ele insistiu tanto, que seus colegas disseram-lhe: — Pois nós o encarregamos da fundação dos irmãos.

Marcelino não disse nada. Não se julgava capaz de tão grande missão. Mas, julgando-se apenas um instrumento nas mãos de Deus, ele se lembrava de um trecho da primeira carta de S. Paulo aos cristãos de Corinto: “... aquilo que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 1, 25).

Se Deus estivesse com ele, tudo iria dar certo.

“A graça seja com todos os que amam Nosso Senhor Jesus Cristo, com amor inalterável.”

(Ef6,24)

14. **A Sociedade de Maria** teve início no dia 23 de julho de 1816 quando 12 jovens, padres e seminaristas, da diocese de Lyon, na França, subiram a colina de Fourvière. Após a celebração eucarística, no pequeno santuário dedicado à Virgem, eles prometeram publicamente que usariam todas as suas forças para construir uma congregação que levaria o nome de Maria.



VIII

FÉRIAS

— Não sabe? Marcelino chegou.

— O “menino” de Dona Maria Chirat veio passar férias. Está grande que só vendo!

— Eu sempre disse que aquele “menino” ia longe.

Em breve, todos sabiam que Marcelino havia chegado para passar férias.

Os primeiros dias eram para as visitas. Todos queriam saudar o “menino” de Dona Maria Chirat. Muitos lamentavam que João Batista Champagnat não fosse vivo para ver o filho seminarista.

Depois, Marcelino organizava seu programa de férias: trabalho no campo, estudo, excursões às montanhas, leitura, reunião com o povo, catecismo para as crianças.

Era de tarde que seu quarto transformava-se em sala de aula. Os meninos não perdiam o catecismo de Marcelino. Ele falava com simplicidade e tinha paciência com todos.



Um dia, ele pegou uma maçã e explicou:

— Suponhamos que esta maçã seja a terra. Nós estamos aqui. Do outro lado, há povos que não conhecem nem Jesus Cristo nem Nossa Senhora. Ignoram completamente o cristianismo. Por quê? Porque não há missionários em número suficiente. Missionários...

E foi explicando. As palavras de Marcelino impressionaram Epalle, um garoto que o escutava. Mais tarde o jovem Epalle¹⁵ entrou no seminário. Após ordenado, partiu para as missões. Quando foi martirizado, na Oceania, já era bispo.

Uma vez, voltando de férias, Marcelino chegou a Lyon e caminhou muito sossegado em direção ao seminário, quando alguém se aproximou e lhe disse:

— Vá esconder-se depressa. Há muita confusão pela rua e o povo está com raiva dos padres, porque dizem que o seminário está cheio de armas.

— Sim, é verdade. Eu mesmo tenho uma aqui comigo.

Dizendo isso, meteu a mão no bolso e puxou sua arma. Sua arma era seu livro de orações.

“Orai unicamente, em união com o Espírito, multiplicando invocações e súplicas. Perseverai nas vossas vigílias, com preces por todos os santos.” (Ef 6,18)

15. O Pe. Jean-Baptiste Epalle nasceu em Marlihes, França, em 8 de março de 1808. Pertenceu à Sociedade de Maria (Padres Maristas) e foi escuna “Marian Watson” na companhia de sete padres da Sociedade de Maria e seis irmãos maristas, juntamente com um barco cheio de suprimentos, para se preparar para um assentamento missionário nas Ilhas Salomão. Ele chegou a Sydney em 21 de junho. Dom Jean-Baptiste Epalle foi mortalmente ferido em 16 de dezembro de 1845, ao desembarcar na Ilha de Santa Isabel, ilha de maior comprimento das Ilhas Salomão, na Oceania. Morreu no navio, às 16h da sexta-feira, 19 de dezembro, aos 37 anos. Graças a um esboço feito à época pelo Pe. Léopold Verguet, também membro da Sociedade de Maria, a sepultura foi encontrada em 18 de outubro de 1900. Os restos mortais foram transferidos para Visale, Guadalcanal, nas Ilhas Salomão. Mas sua sepultura e seus restos mortais foram destruídos durante bombardeios na Segunda Guerra Mundial.



IR. DANIE.

IX

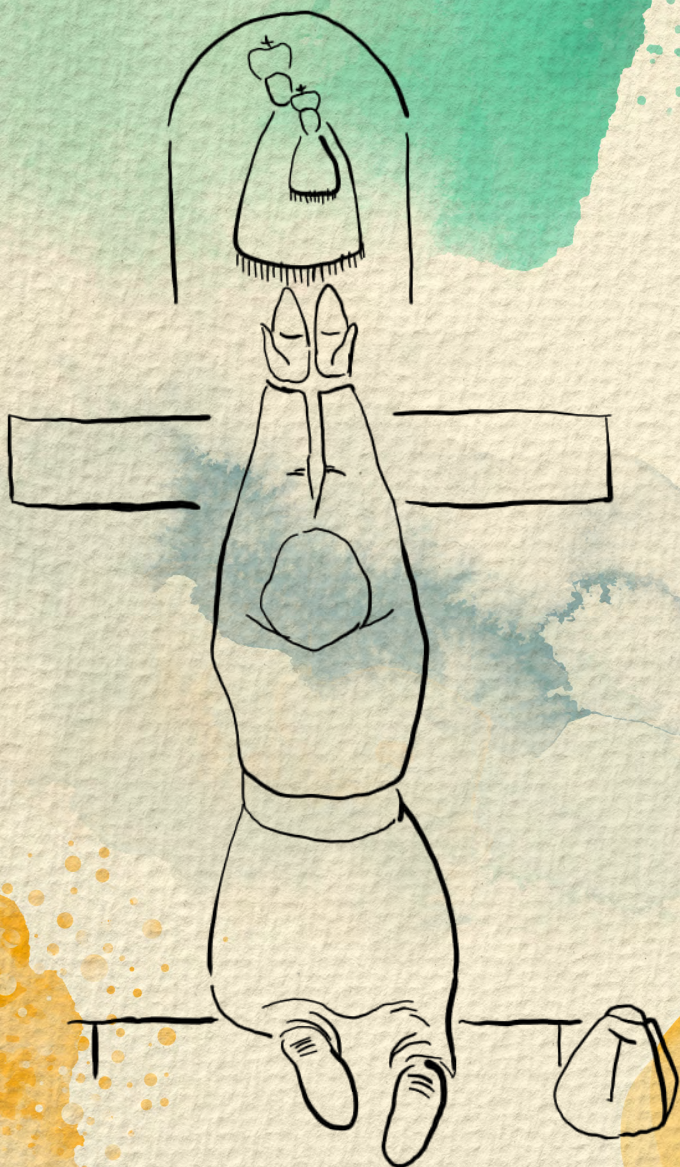
PADRE

Naquele 22 de julho de 1816, no Seminário de Santo Ireneu, houve uma grande cerimônia religiosa: ordenação sacerdotal de vários seminaristas. Entre eles, havia um que vocês já conhecem: Marcelino Champagnat. Aos 27 anos de idade, ele realizou o grande sonho de sua vida: ser padre. Engajado com Cristo pelo Batismo, seu sacerdócio era a ampliação consciente desse engajamento. Maria Chirat não assistiu à ordenação do filho. Morrera havia alguns anos.

Havia chegado para Marcelino a hora de se despedir do seminário, dos professores e dos colegas.

Antes de partir de Lyon, em 22 de julho de 1816, ele foi a Fourvière¹⁶ em companhia dos colegas com os quais planejara a Sociedade de Maria. Fourvière é uma colina onde está situada uma igreja em honra de Nossa Senhora. O Pe. Courveille celebrou a missa para o grupo, que, em seguida, renovou a resolução de fundar a Sociedade de Maria, uma congregação missionária.

16. A Basílica de Notre-Dame de Fourvière é uma basílica menor, dedicada à Virgem Maria, em Lyon, França. Foi construída com recursos privados entre 1872 e 1884 em uma posição dominante com vista para a cidade. O local que ocupa foi outrora o fórum romano de Trajano, o forum vetus (antigo fórum), daí o seu nome.



No outro dia, 23 de julho de 1816, Marcelino voltou, sozinho, a Fourvière. Diante do altar da Virgem, rezou uma oração composta por ele mesmo e que termina assim:

**“Nada posso, ó Mãe de misericórdia, bem o
compreendo, mas vós podeis tudo por vossas orações...
Virgem santa, em vós ponho toda a minha confiança;
eu vos ofereço, entrego e consagro, a minha pessoa,
meus trabalhos e todas as minhas ações.”**

Voltou-lhe, então, a ideia de criar o ramo dos Irmãos Educadores da Sociedade de Maria. Marcelino Champagnat — Pe. Champagnat de agora em diante — o que lhe reserva o futuro?

Após a ordenação sacerdotal, tinha sido nomeado para a paróquia de La Valla, onde seria auxiliar do pároco (coadjutor)¹⁷. Estava se preparando para partir para sua primeira missão como padre.

*“Tendo, pois, recebido o conhecimento do Senhor Jesus Cristo,
guiai-vos por Ele, enraizados e edificados n’Ele, tornando-vos firmes na fé,
dando continuamente ações de graças.” (Col 2,6-7)*

17. Coadjutor: sacerdote nomeado para ajudar ou substituir um prelado no exercício de suas funções, vindo, geralmente, a sucedê-lo.



il panno.

X

LA VALLA

O Pe. Champagnat chegou a La Valla¹⁸ no dia 15 de agosto de 1816, festa da Assunção de Nossa Senhora.

La Valla era uma pequena cidade, de um pouco mais de 2.500 habitantes. Mas o Pe. Champagnat tinha à sua espera um trabalho difícil. A região era montanhosa e quase não existiam estradas. A população estava espalhada, morando em fazendas e sítios afastados da cidade. Isso sem falar nos problemas morais. A embriaguez, por exemplo, era um flagelo entre a população de La Valla.

Mas o jovem padre não era homem para desanimar. Pregou a palavra de Deus. Incentivou a boa leitura, organizou o trabalho agrícola. Visitou os doentes, alguns dos quais moravam muito longe.

Mais tarde, o Pe. Champagnat dirá a um amigo:

— Quanto não andei por estas montanhas. Quantas camisas ensopadas ao longo destes caminhos. Se fosse reunido o suor que derramei, estou certo de que daria para tomar banho. Suei muito, mas, graças a Deus, nenhum doente, por minha causa, morreu sem receber os sacramentos. Hoje este pensamento é o que mais me consola.

Uma coisa, entretanto, mais que as outras, preocupava o Pe. Champagnat: o problema das crianças abandonadas. Abandonadas pelos poderes públicos que não lhes davam escolas e abandonadas espiritualmente, porque não havia catequistas que lhes ensinassem o Evangelho.

*“Com os fracos, fiz-me fraco, para os ganhar.
Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a todo o custo.
E faço tudo por causa do Evangelho, para participar dele.” (1Cor 9,22-23)*

18. La Valla é uma comuna francesa na região administrativa de Auvérnia-Ródano-Alpes, no departamento de Loire. Estende-se por uma área de 34,78 km².



XI

REFORMAS

Apesar de um trabalho quase sobre-humano, o Pe. Champagnat tinha ainda muito o que fazer em La Valla. Ele encontrara a região quase descristianizada. A cidade havia ficado, durante muito tempo, sem padre. O que estava lá quase não fazia mais nada. Encontrava-se com alguns problemas de saúde física e mental.

A embriaguez era um dos problemas da cidade. Depois havia o problema das más leituras, o trabalho aos domingos, a ignorância religiosa. A paróquia precisava de uma reforma. O Pe. Champagnat pensou muito. Para reformar La Valla, ele iria começar pela base. A solução seria instruir as crianças.

Alguns meses depois, toda a região comentava, satisfeita, que já havia um catecismo organizado para as crianças. As famílias estavam contentes. Entretanto, os mais contentes eram os próprios meninos. O catecismo do Pe. Champagnat era atraente, alegre e animado.

Uma vez, de madrugada, ao abrir a porta da igreja, ele encontrou um grupo de meninos que esperavam a hora do catecismo. Enganados pelo luar, haviam chegado cedo demais.

Um dia, chegou à igreja um garotinho que se chamava Gabriel Rivat. Seu irmão o havia trazido ao catecismo pela primeira vez. Esse encontro com o Pe. Champagnat mudou, definitivamente, a vida do pequeno Gabriel.

“Dou graças àquele que me confortou, a Jesus Cristo, Nosso Senhor, porque me julgou digno de confiança, chamando-me ao ministério.” (1Tim 1,12)



XII

O SINAL DECISIVO

Era um dia de inverno, de um inverno que nem de longe se parece com o nosso. Era exatamente o dia 28 de outubro de 1816 e até as fontes de água haviam congelado. Mas nada disso impede o Pe. Champagnat de sair de casa para confessar um rapazinho que está muito doente.

Ele morava tão longe que nem mesmo pertencia à paróquia de La Valla.

No leito de morte, João Batista Montagne parecia um menino de 12 anos. Mas já tinha 17. Jamais havia ido ao catecismo. Nunca ninguém lhe havia falado de Cristo, de sua morte para salvar todos nós, nem de sua ressurreição, garantia de nossa fé. Foi com muita dificuldade que o Pe. Champagnat o fez compreender o sentido da unção dos enfermos e do viático¹⁹.

19. A palavra “viático” vem do latim *viaticum* (de via, caminho), com o significado de provisão para o caminho. O viático é, portanto, o último sacramento do cristão católico, o verdadeiro sacramento da morte. Na verdade, enquanto a unção dos enfermos é dada a qualquer pessoa gravemente doente ou em perigo de vida, mas que pode não estar propriamente à beira da morte, o viático é dado a quem efetivamente está prestes a morrer.



De volta a casa, pensava nas crianças e nos adolescentes que, como João Batista Montagne, ignoravam a mensagem do Evangelho. Voltou-lhe, de novo, a ideia de fundar uma congregação dedicada à juventude. Essa vontade firmou-se definitivamente quando alguém lhe vem dizer que o jovem Montagne havia morrido. Aliás, “depois de o ter confessado e feito repetir, várias vezes, atos de amor a Deus e de contrição, a fim de o dispor a bem morrer, deixou-o para atender a outro doente na casa vizinha. Ao voltar, perguntou como estava o rapaz: ‘morreu instante após sua saída’, responderam os pais em lágrimas”²⁰.

O Pe. Champagnat falou com João Maria Granjon, jovem da paróquia que queria consagrar-se ao serviço de Deus. A João Maria, o Pe. Champagnat expõe seu projeto. O jovem entusiasmou-se. Era o caminho que há muito procurava.

Alguns dias depois, foi João Batista Audras que decidiu seguir Cristo, sob a direção de Pe. Champagnat.

No dia 2 de janeiro de 1817, os dois candidatos instalaram-se em uma casa que o Pe. Champagnat havia adquirido com dinheiro emprestado. Era uma casa pequena e pobre. Os móveis eram modestos: duas camas, uma mesa de jantar, algumas cadeiras. Tudo fabricado pelo Pe. Champagnat.

A pobreza era imensa, a alegria também. Como em Nazaré, na casa de um carpinteiro, onde Jesus se preparava para pregar ao mundo a mensagem do Evangelho.

“E que Cristo habite pela fé nos vossos corações, de sorte que, arraigados e fundados na caridade, possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade do amor de Cristo para com os homens.” (Ef 3,17-18)

20. Vida de José Bento Marcelino Champagnat – Ir. Jean-Baptiste Furet – 1856.



XIII

COM O TRABALHO DAS MÃOS

Agora havia um problema: a manutenção da comunidade. O Pe. Champagnat podia ter organizado quermesses e rifas.

Podia ter mesmo tentado arranjar benfeitoras e benfeitores. Tudo isso podia ter feito, se ele não fosse um homem de fé. “Deus é nosso maior benfeitor”, repetia frequentemente aos Irmãos.

Para o Pe. Champagnat, o trabalho era algo ligado à vida humana. Aliás, trabalhar faz parte da dignidade do ser humano. Ninguém se dispensa do trabalho sem cometer uma grave injustiça contra o próximo. Somente as crianças, as pessoas doentes ou idosas devem ser dispensadas de trabalhar. Por isso os Irmãos não iam mendigar seu pão a ninguém. Eles o ganhariam com o trabalho de suas mãos.

Ainda existem hoje, em La Valla, os instrumentos que os primeiros Irmãos maristas, para viverem, fabricavam: os pregos (cravos). As famílias da região tinham, nesse trabalho artesanal, um meio para suprirem a deficiência financeira que lhes dava a agricultura.

Os pregos enormes eram vendidos aos estaleiros navais da Bretanha. Além do trabalho para ganharem a vida, os dois jovens estudavam, rezavam e tinham seus momentos de recreio. Uma coisa é certa: eram imensamente felizes, pois não esqueciam o conselho da Bíblia: “Servi ao Senhor com alegria” (Sl 100,2).

*“Jamais cobicei prata, nem ouro, nem o vestuário de alguém.
E bem sabeis que foram estas mãos que proveram às minhas necessidades
e às dos meus companheiros.” (At 20, 33-34)*



XIV

A VOCAÇÃO IMPREVISTA

Os pais de João Batista Audras começaram a se opor à vocação do filho. Eles eram desses pais que não respeitam o direito que tem cada um de seguir o caminho que, em consciência, acha certo. João Batista fazia tudo para ficar, mas os pais não queriam ouvir seu pedido.

Um dia, alguém bate à porta da casa dos Irmãos. É um irmão de João Batista que o procura com ordem de levá-lo para casa.

O jovem Irmão vai falar com o Pe. Champagnat, que se encarrega de resolver o caso.

— Então, veio buscar o João Batista?

— É, “seu” vigário. Ordem é ordem...

— Por que, em vez de levar seu irmão, o senhor não fica conosco?

— Bem... eu... para falar a verdade, a ideia agrada-me. Mas o que vai o senhor fazer de mim? Eu sou um homem sem instrução.

— De você, com a graça de Deus, eu farei um bom religioso.

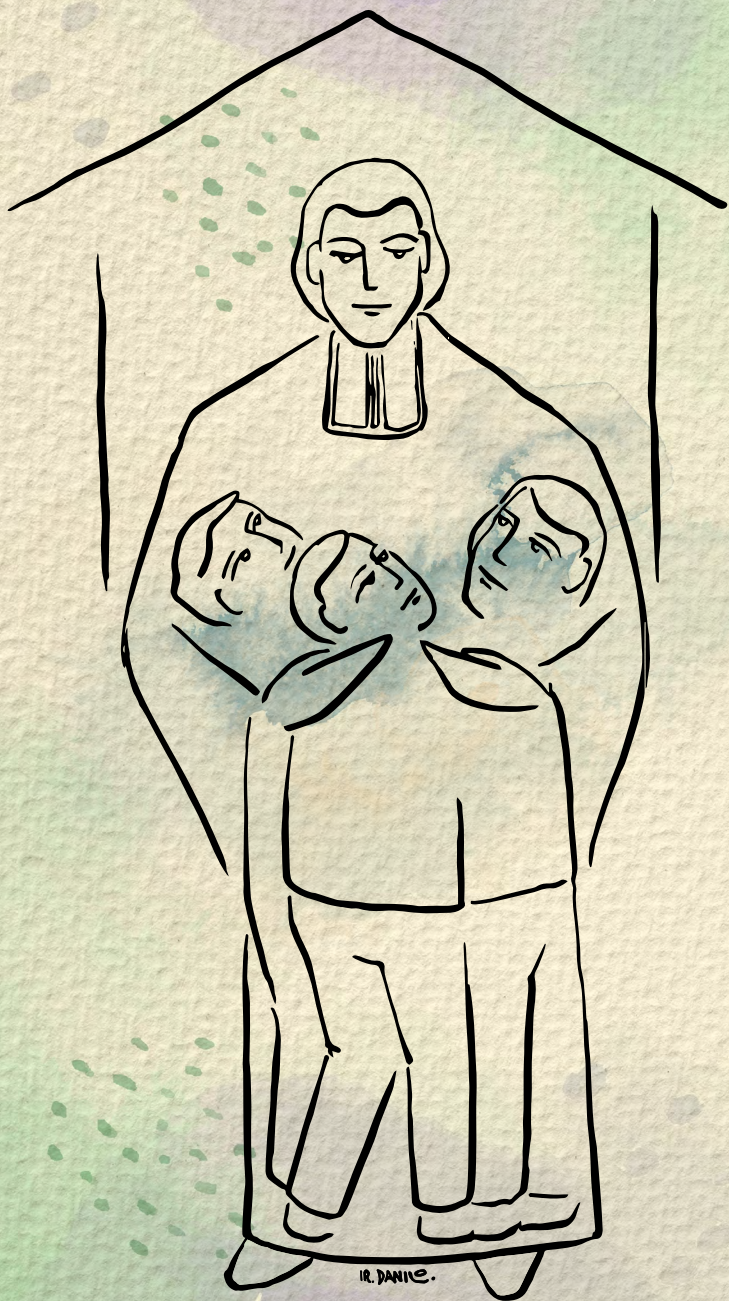
— E o povo? O povo vai falar, fazer comentário!

— Deixe o povo falar, meu amigo. Deus abençoará seu esforço.

O moço ficou. Ao entrar no noviciado, recebeu o nome de Lourenço. Era costume à época mudar o nome dos que abraçavam a vida religiosa. Agora, João Maria Granjon chamava-se Ir. João, e Ir. Luís era o nome de João Batista Audras.

Pela mesma época, Bartolomeu Badard veio aumentar a comunidade. Havia entre eles um menino de 10 anos, cuja educação fora confiada ao Pe. Champagnat. Era Gabriel Rivat.

“Porque Cristo não me enviou a batizar, mas a pregar o Evangelho, não, porém, com sabedoria de palavras, a fim de se não desvirtuar a Cruz de Cristo.” (1Cor 1,17)



IR. DANIE.

XV

A PRIMEIRA ESCOLA

O Pe. Champagnat prepara, carinhosamente, os Irmãos para a missão que os espera. Mas eles ainda não dirigem nenhuma escola.

O fundador envia-os aos lugares próximos a La Valla para ensinarem o catecismo. Não só as crianças, mas também os adultos, vêm ouvir a pregação dos novos catequistas. Como falam em uma linguagem simples, todo mundo compreende a mensagem do Evangelho que os irmãos anunciam.

Por esse tempo, a Escola Paroquial de La Valla começou a ter sérias dificuldades. O professor não estava à altura de sua missão. O Pe. Champagnat foi chamado a intervir. Não era ele quem resolvia todos os problemas da paróquia? A solução do Pe. Champagnat foi entregar a escola aos Irmãos. O Ir. João é nomeado diretor.

Dentro de pouco tempo, o estudo, a ordem, o espírito de família e a alegria reinam na escola.

Os habitantes de La Valla começaram a gostar dos irmãos e admiravam, cada vez mais, o zelo, a dedicação e o entusiasmo dos novos mestres.

Em poucos meses, o número de alunos cresce consideravelmente. Vêm alunos de toda a paróquia. Os meninos pobres estudam de graça. Além disso, o Pe. Champagnat sustenta 12 órfãos.

Para alguns, isso é uma imprudência. A todos, o Pe. Champagnat respondia:

— Deus que nos manda estes meninos enviará, também, aquilo de que eles precisam.

*“Considerem-nos todos como ministros de Cristo
e administradores dos mistérios de Deus.” (1Cor 4,1)*



IL DANIE.

XVI

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

O Pe. Champagnat vivia para os outros. Foi para os outros que ele se fez padre. Sobretudo para os mais abandonados, para os mais pobres. Nisso ele imita Cristo, que passou a vida curando os doentes, ensinando aos pobres, tomando a defesa dos oprimidos contra a tirania dos fariseus que praticavam a injustiça em nome da lei.

Um dia, o Pe. Champagnat foi chamado para confessar um doente. Como sempre acontece, ele sai imediatamente. Chegando ao barraco do pobre agonizante, encontra-o deitado sobre a palha, agasalhado apenas com um cobertor em farrapos.

Ao voltar à casa da comunidade, o Pe. Champagnat pede a um Irmão que envie um colchão ao doente.

— Não temos nenhum colchão de sobra.

— Impossível! Nenhum colchão de sobra?

— Não, padre, demos o último, há poucos dias.

— Então, vá buscar o meu e o leve ao doente.

A ordem foi cumprida e nunca ninguém soube quantos dias o Pe. Champagnat dormiu no lastro de sua cama.

*“Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos.
Aquele que não ama permanece na morte.” (1Jo 3,14)*



XVII

A ESCOLA DE MARLHES

Foi em 1819 que Marlhes, terra natal do Pe. Champagnat, recebeu dois Irmãos maristas destinados a tomarem conta da escola paroquial.

Em Marlhes, os Irmãos ainda não têm casa, falta-lhes tudo. Enquanto providenciam as coisas, hospedam-se na casa do vigário paroquial. Um dia, de seu quarto, o Ir. Luís ouviu alguns comentários:

— Estas crianças não têm nem instrução nem experiência. Vai ser um fracasso. Sou eu quem o está dizendo. O senhor vai ver. Em breve, estaremos arrependidos de tê-los chamado a esta paróquia.

— Ouve o que pensam de nós, diz o Ir. Luís ao colega. Vamos para nossa escola, embora só tenha as quatro paredes. É melhor passarmos a pão e água do que ficarmos aqui.

— Mas é preciso organizar ainda muita coisa.

— Isto não é problema. Amanhã as aulas começarão e nós mostraremos que estamos à altura da missão que nosso fundador confiou-nos.

No dia seguinte, a escola estava funcionando. Em menos de um mês, os alunos davam inteira satisfação aos pais e aos mestres.

A boa fama da Escola de Marlhes corria mundo e, das cidades vizinhas, choviam pedidos de novas fundações.

*“Há, pois, diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo;
há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo.” (1Cor 12,4-5)*



XVIII

PROGRESSO

A casa de La Valla era pequena para o número de candidatos. Era preciso aumentá-la. Mas como? Sem dinheiro e operários, não se pode construir. Entretanto, o Pe. Champagnat era desses homens para os quais os problemas existem para serem resolvidos. Ele se encarregaria da construção da casa, ajudado por todos os Irmãos.

Naquele tempo, havia muito preconceito contra o trabalho manual. O trabalho era qualquer coisa de humilhante. Um padre trabalhar, então, era quase um escândalo.

Desse preconceito muitos ainda não se libertaram. Quando, há alguns anos, na França, um grupo de padres resolveu, como operários, dar testemunho do Evangelho, houve muita gente contrária. Muita gente não entendeu essa nova forma de manifestar o cristianismo.

Agora, imaginem quantas dificuldades o Pe. Champagnat não enfrentou para ter o direito de viver do trabalho de suas mãos. Certo dia, alguém se julgou com direito de criticá-lo:

— Pe. Champagnat, o senhor está exagerando. Isso não é trabalho para sacerdote. Além disso, o senhor está estragando a saúde!

O Pe. Champagnat ouviu tudo, calmamente. Depois, respondeu com tranquilidade:

— O trabalho faz bem à saúde e, trabalhar, meu amigo, nunca foi pecado.

“Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que Ele me deu não foi inútil, pelo contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus, que está comigo.” (1Cor 15,10)



ir. dante.

XIX

A PROVA DO SOFRIMENTO

A fé do Pe. Champagnat era imensa. Ele se considerava apenas um instrumento nas mãos de Deus.

Um dia, um padre, sem conhecê-lo, começou a fazer grandes elogios aos Irmãos. No meio da conversa, o sacerdote perguntou ao Pe. Champagnat:

— Quem fundou a Congregação dos Irmãos Maristas?

— Uns jovens de boa vontade reuniram-se, um padre encarregou-se deles e Deus fez o resto — respondeu Champagnat.

Porque Deus fez o resto, a congregação progredia. Mas não pensem que todos compreendiam o trabalho do Pe. Champagnat. Houve perseguições, suspeitas, relatórios, denúncias, abandono. Para muitos, ele era apenas um orgulhoso que só trabalhava pelo simples prazer de ser chamado fundador. Para uns, era um louco. Para outros, ele era um ambicioso que, sem dinheiro nem talento, queria fundar uma congregação religiosa.

Apesar dos sofrimentos, o Pe. Champagnat jamais perdeu a confiança em Deus. Nunca desanimou.

Entretanto, as perseguições aumentavam, e muita gente já profetizava o fim da congregação quando D. Gastão de Pins foi nomeado arcebispo de Lyon.

Informado do que se passava, o ilustre arcebispo recebeu o Pe. Champagnat. Animou-o a progredir na obra começada e lhe disse que podia contar com seu apoio para aumentar a casa do noviciado. Saindo do palácio do arcebispo, o Pe. Champagnat dirigiu-se à capela de Fourvière para rezar.

*“Em tudo vos demonstrei que deveis trabalhar assim,
para socorredes os fracos, recordando-vos das palavras que o próprio Senhor Jesus disse:
‘A felicidade está mais em dar do que em receber’.” (At 20,35)*



XX

NOVA CONSTRUÇÃO

Cada vez que o Pe. Champagnat descia de La Valla para Saint-Chamond, notava lá embaixo, no vale, uma pequena e tranquila propriedade atravessada por um riacho que se chama Gier. Foi com dinheiro emprestado que ele comprou essa propriedade quando, mesmo depois de aumentada, a casa de La Valla ficara pequena demais para o número crescente de Irmãos.

Deu nome de Nossa Senhora de L'Hermitage (Eremitério) à propriedade adquirida. A construção começaria em breve. A notícia espalha-se rapidamente. Não faltavam comentários.

A construção da nova casa interessava a todos os Irmãos. Todos queriam trabalhar com o Pe. Champagnat.

O trabalho começava de manhã e se prolongava até a noite. Serviço não faltava: preparar argamassa; transportar pedra; carregar tijolos.

À frente dos trabalhos, estava o Pe. Champagnat. À noite, quando os outros dormiam, ele ainda estava acordado, organizando os trabalhos do dia seguinte ou rezando.

Perto da construção, havia um pequeno bosque. Ao lado de um grande carvalho, levantaram uma capelinha. Era aí que o Pe. Champagnat, a cada dia, celebrava a missa para a comunidade.

Finalmente, em 15 de agosto de 1825, festa da Assunção de Nossa Senhora, os Irmãos instalaram-se definitivamente na nova casa. Ainda hoje, ela está de pé, desafiando o tempo. Outros a retocaram, acrescentaram ou melhoraram.

Mas a construção do quadrilátero principal é mesmo do tempo do Pe. Champagnat.

"Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus." (Fil 2,5)



IR. DANIE.

XXI

DOENÇA

Em 1825, a congregação estava em pleno progresso. As escolas haviam-se multiplicado. Eram 10, ao todo. O que se havia também multiplicado era o trabalho do Pe. Champagnat.

Após a festa de Todos os Santos, ele resolveu visitar as escolas dos Irmãos. Era trabalho duro visitá-las. Não havia transporte como hoje. O Pe. Champagnat tinha de viajar a pé, percorrendo uma região montanhosa cujos caminhos eram péssimos. Muitas vezes, ele ficava em jejum para poder celebrar a missa. Naquele tempo, a lei do jejum eucarístico era muito rigorosa. Apesar dessas dificuldades, visitou todas as escolas. Uma delas distava 70 quilômetros de L'Hermitage. Caminhar por 70 quilômetros pelas montanhas não é para todo mundo.

De volta a L'Hermitage, o Pe. Champagnat estava esgotado. Mas, assim mesmo, quis continuar seu trabalho de sempre. Foi aí que seu organismo não suportou mais. Ele caiu gravemente doente.

O desânimo era geral em L'Hermitage. Temia-se pelo futuro da congregação. Os que haviam emprestado dinheiro ao Pe. Champagnat estavam inquietos. Durante esse tempo de provação, houve duas pessoas extraordinárias: o Ir. Estanislau, que, além de cuidar do Pe. Champagnat, animava os Irmãos a terem confiança em Deus, e o Pe. Dervieux, pároco de Saint- Chamond, que endossou todas as dívidas do Pe. Champagnat. Quando ele melhorou, o Pe. Dervieux levou-o para sua casa, a fim de que pudesse repousar longe dos trabalhos e das preocupações de L'Hermitage.

"Mas, ainda que tenha de verter o meu sangue em libação sobre o sacrifício e a oblação da vossa fé, alegro-me e congratulo-me com todos vós." (Fil 2,17)



APROVAÇÃO OFICIAL

Para o estabelecimento definitivo da congregação na França, era necessária uma autorização oficial. Essa autorização, o Pe. Champagnat tentava obter fazia muito tempo.

O pedido havia sido apresentado quando rebentou a Revolução de 1830²¹. Bandos de desordeiros percorriam a França aproveitando-se do clima revolucionário e insultavam os padres, profanavam as igrejas e quebravam os cruzeiros. Várias vezes ameaçaram L'Hermitage. Entretanto, nunca pisaram lá.

Várias congregações religiosas, por medida de prudência, despacharam seus noviços ou então lhes deram roupas civis até que o perigo passasse. O Pe. Champagnat procedia de outro modo: recebia novos candidatos, e os irmãos continuaram usando batina sossegadamente.

Após a revolução, o Pe. Champagnat resolveu ir a Paris tratar pessoalmente da aprovação legal da congregação. Por causa da má vontade de um ministro, não obteve o que desejava.

Foi em uma dessas viagens a Paris que o Pe. Champagnat fundou a Escola Saint-Pol-en-Artois, ponto de partida para a instalação dos Irmãos na Inglaterra, Bélgica, Holanda e Alemanha.

No leito de morte, o Pe. Champagnat disse ao Ir. Francisco estas palavras proféticas:

— A aprovação virá quando os Irmãos mais precisarem dela.

“Tudo posso n'Aquele que me dá força.” (Fl 4,13)

21. A Revolução de 1830 foi um movimento de caráter liberal e popular, liderado pela burguesia francesa, que derrubou do trono o Rei Carlos X. Esse movimento ficou conhecido como Revolução de Julho de 1830 e, também, como as Três Gloriosas (porque ocorreu nos dias 27, 28 e 29 de julho de 1830). O povo francês foi para as ruas. Uma verdadeira guerra civil se estabeleceu. Grande parte da Guarda Nacional, que deveria apoiar o governo, passou para o lado do movimento revolucionário. Carlos X teve de abandonar o trono e partir para o exílio.



XXIII

O MARQUÊS

Durante a revolução de 1830, espalharam o boato de que em L'Hermitage estava escondido um marquês. Diziam, ainda, que os porões da casa dos irmãos estavam cheios de armas e de soldados.

Um dia, um senhor muito bem-vestido, acompanhado de soldados, chegou a L'Hermitage, bateu à porta e, mal apareceu o porteiro, disse logo:

— Vocês estão escondendo um marquês aqui!

— Hum! Um marquês! Vou chamar o Pe. Champagnat.

Mas o homem não quis conversa. Saiu atrás do Irmão e foi bater onde estava o Pe. Champagnat, ao qual disse, muito irritado:

— Senhor padre, sou o procurador do rei e venho...

— Muita honra para nós. Mas já sei o que quer. Vamos procurar o marquês.

Dizendo isso, o Pe. Champagnat, acompanhado do procurador e dos soldados, andou pela casa toda e nada de marquês. O procurador envergonhado, quis voltar. Mas o Pe. Champagnat insistiu: — Terão de visitar tudo.

Chegaram, afinal, a um quarto fechado do qual não se sabia quem tinha a chave. Se o quarto não for aberto, dirão que é o do marquês, pensou Champagnat. A porta foi, então, arrombada a machado. E, claro, não encontraram nenhum marquês.

O procurador do rei saiu confundido e, publicamente, desfez os boatos que circulavam sobre L'Hermitage.

Realmente, Deus escreve certo por linhas tortas.

*"Assim também, todos os que aspiram a viver piedosamente em Jesus Cristo
hão de sofrer perseguições." (2Tm 3,12)*



XXIV

O LEMBRAI-VOS NA NEVE

O Pe. Champagnat havia ido a Bourg-Argental confessar um Irmão que estava para morrer. O trabalho esperava-o em L'Hermitage. De Bourg-Argental até lá, eram dois dias de viagem a pé. Por isso ele quis partir, sem demora, apesar do tempo ameaçador. Seu companheiro de viagem era o Ir. Estanislau.

Após algumas horas de caminhada, não mais distinguiam os caminhos, pois uma grande tempestade de neve abatia-se sobre a região. Anoiteceu.

— Meu amigo, diz o Pe. Champagnat, se Nossa Senhora não nos ajudar, estamos perdidos.

O Ir. Estanislau, vencido pelo cansaço, não podia mais caminhar. O Pe. Champagnat sustentava-o pelo braço, mas ele também já não aguentava. O Ir. Estanislau desmaiou. Então, o Pe. Champagnat, ajoelhado sobre a neve, rezou o “LEMBRAI-VOS”.

“Lembraí-Vos, ó piedosíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que tenham recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência, e reclamado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado, pois, com igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro. De Vós me valho, e, gemendo sob os pesos dos meus pecados, me prostro a Vossos pés. Não rejeiteis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos peço.

Amém.”

Nesse momento, uma luz brilhou ao longe. É um homem com uma lâmpada à mão. Para ver o gado no estábulo atrás da cozinha, em vez de passar por dentro de casa, como fazia diariamente, daquela vez passou por fora.

Na casa onde brilhou a luz, o Pe. Champagnat e o Ir. Estanislau passaram a noite. Estavam salvos!

“Quero, pois, que os homens orem, em todo o lugar, levantando as mãos puras, sem ressentimento e sem contenda”. (1Tm 2,8)



O SUCESSOR

Em 1839, o Pe. Champagnat, prevendo para breve sua morte, pensou em pôr um Irmão à frente da congregação. Assim, após a morte do fundador, a marcha da congregação não seria perturbada.

A escolha fez-se por eleição. Quase que por unanimidade, foi eleito o Ir. Francisco (Gabriel Rivat).

O Ir. Francisco nasceu em Maisonette, vilarejo perto de La Valla. Pequeno ainda, sua mãe consagrou-o à Nossa Senhora no santuário de Valfleury²².

Quando o Pe. Champagnat chegou a La Valla, Gabriel devia ter 8 anos. Foi seu irmão quem o levou ao catecismo pela primeira vez. A caminhada era penosa para as perninhas de Gabriel. Entretanto, nunca faltou ao catecismo.

Aos 10 anos, fez a primeira comunhão: o Pe. Champagnat achou boa a circunstância e pediu aos pais de Gabriel para se encarregar de sua educação.

— Meu filho é de Nossa Senhora. A Ela o dei e consagrei para sempre, respondeu a mãe de Gabriel.

Mais tarde, Gabriel entrou no noviciado, recebendo, então, o nome de Ir. Francisco. Durante muito tempo, foi o mais jovem Irmão da congregação. Quando foi enviado a Marlihes para ensinar, era ainda tão jovem que não aguentava a marcha a pé. De vez em quando, o Ir. Lourenço, que o acompanhava, tinha de levá-lo às costas.

Foi o Ir. Francisco que, naquele 12 de outubro de 1839, os Irmãos elegeram para Superior-Geral da Congregação Marista. Exerceu o cargo de 1839 a 1860. O Ir. Francisco morreu em 22 de janeiro de 1881. Até hoje, ninguém esqueceu seus exemplos de santidade. Foi aberto o processo de sua canonização e hoje já está na segunda etapa, quando é considerado venerável. Ao realizar um milagre, pode se tornar bem-aventurado, o que já será próximo do reconhecimento do título de santo.

“Apascentai o rebanho que Deus vos confiou, velando por ele, não constrangidos, mas de boa vontade; não por um sórdido espírito de lucro, mas com dedicação; não como dominadores sobre os que vos foram confiados, mas como modelo de vosso rebanho.” (1Pd 5,2-3)

22. **Valfleury:** é uma comuna francesa na região administrativa de Auvérnia-Ródano-Alpes, no departamento de Loire. Estende-se por uma área de 8,77 km².



XXVI

O FIM APROXIMA-SE

Apesar de doente, o Pe. Champagnat não parava de trabalhar. Cansado e abatido, ainda encontrou força para ir pregar um retiro aos alunos da Escola Côte-Saint-André. O trabalho foi exaustivo, pois todos os alunos quiseram se confessar com ele.

Depois do retiro, o Pe. Champagnat dirigiu-se a Vauban, onde o bispo, D. Bénigne, projetava a fundação de uma escola e de um noviciado. Vauban²³ foi a última fundação do Pe. Champagnat. Em L'Hermitage, ele era o mesmo de sempre: alegre, tranquilo e disponível para com todos.

Desejava participar da vida da comunidade até o fim.

Um dia, quis ir ajudar os Irmãos que estavam trabalhando na pequena pedreira de L'Hermitage, mas estava tão fraco que a picareta caiu de suas mãos. Amparado por um Irmão, ele voltou para casa. Nunca mais tornara ao trabalho. Não foi sem emoção que os Irmãos assistiram àquela cena.

A doença progredia assustadoramente. Crises de rins e dores no estômago tornavam-se frequentes. Sem falar nos vômitos que, às vezes, impediam-no de comungar.

No dia 19 de março de 1840, festa de S. José, depois da bênção do Santíssimo, o Pe. Champagnat disse aos Irmãos:

— Foi a última bênção que dei em um dia como este.

E aos que se inquietavam pela sua morte próxima, ele respondia sempre:

— O ser humano é apenas um instrumento. É Deus quem faz tudo!

“Porque, para mim, o viver, é Cristo, e o morrer é lucro.” (Fil 1,21)

23. A obtenção da nova comunidade de irmãos na diocese de Vauban tinha sido vitória de D. Bénigne, vencendo o receio do Pe. Champagnat em abrir noviciado afastado de L'Hermitage e seu escrúpulo em aceitar a doação do “castelo de Vauban” como casa de formação (Lettres, doc. 208, 236, 268 e 278). Na inauguração do noviciado, no dia 8 de dezembro de 1839, apesar de muito fraco por causa da doença, o fundador estava feliz e confessou a um irmão. Veja como é verdadeira a afirmação evangélica do cêntuplo que é reservado aos que seguem Jesus: nós deixamos ninharias e Deus nos dá castelos? (cf. Vida do Pe. Champagnat, edição do bi-centenário, primeira parte, cap. 21).



XXVII

A UNÇÃO DOS ENFERMOS

O pensamento da morte seguia o Pe. Champagnat. Depois da abertura do mês de maio, ele confessou a um Irmão:

— Não irei muito longe. A morte aproxima-se.

No dia 3 de maio, festa da Santa Cruz, celebrou, ainda, a missa e, ao terminá-la, disse tranquilamente:

— Celebrei minha última missa.

Sem temer a morte e sentindo que piorava cada vez mais, mandou chamar o Ir. Estanislau e lhe disse:

— Irmão, sinto que vou morrer. Quero receber a unção dos enfermos.

Cercado de Irmãos, de sobrepeliz e estola, o Pe. Champagnat recebeu os últimos sacramentos. Depois se dirigiu aos Irmãos:

— Meus amigos, é a última vez que aqui nos reunimos. Amem-se uns aos outros. Amem-se como Cristo os ama; como os ama Nossa Senhora. Que se conserve sempre, em cada Comunidade Marista, um mesmo coração e um só espírito. Como é bom morrer marista. Nada mais posso dizer.

Seu testamento espiritual, escrito dias antes, foi lido para toda a comunidade, por um Irmão.



TESTAMENTO ESPIRITUAL

DE MARCELINO JOSÉ BENTO CHAMPAGNAT,
PADRE SUPERIOR E FUNDADOR DO
INSTITUTO DOS PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Aqui, na presença de Deus, sob os auspícios da SS. Virgem e de São José, querendo deixar conhecida a todos os Irmãos de Maria a expressão de meus últimos e mais caros desejos, recolho todas as minhas forças para redigir, de acordo com o que acredito ser mais conforme à vontade divina e mais útil ao bem da Sociedade, meu Testamento Espiritual.

Primeiramente, suplico muito humildemente àqueles que eu poderia ter ofendido ou escandalizado de qualquer modo, embora desconheça que tenha voluntariamente ofendido alguém, queira perdoar-me em consideração à Caridade infinita de Nosso Senhor Jesus Cristo e de unir suas orações às minhas para obter de Deus que Ele se digne esquecer os pecados de minha vida passada e receber minha alma em sua infinita misericórdia.

Morro cheio de respeito, de reconhecimento e de submissão ao Superior-Geral da Sociedade de Maria e nos sentimentos da mais perfeita união com todos os membros que a compõem, especialmente com todos os irmãos que o bom Deus tinha confiado à minha solicitude e que foram sempre tão caros ao meu coração.

Desejo que uma inteira e perfeita obediência reine sempre entre os Irmãos de Maria; que os inferiores encarem nos superiores a pessoa de Jesus Cristo, a eles obedeçam de coração e de espírito, renunciando sempre, se for necessário, à própria vontade e ao próprio critério. Que eles se lembrem de que o religioso obediente contará vitórias e de que a obediência é que é principalmente a base e o sustentáculo de uma comunidade.

Nesse espírito, os Pequenos Irmãos de Maria submeter-se-ão, não somente aos superiores maiores, mas também a todos aqueles que forem propostos para dirigi-los e conduzi-los. Compenetrar-se-ão desta verdade de fé, que o superior representa Jesus Cristo, e que deve ser obedecido quando manda, como se fosse Jesus Cristo mesmo quem mandasse.

Eu vos peço também, meus queridos irmãos, com toda a afeição de minha alma e por toda afeição que tendes por mim, que procedais sempre de tal modo que a santa caridade se mantenha sempre entre vós. Amai-vos uns aos outros como Jesus Cristo vos amou. Que não haja entre vós senão um mesmo coração e um mesmo espírito. Que se possa dizer dos Pequenos Irmãos de Maria como dos primeiros cristãos: ‘Vede como eles se amam’... É o mais ardente desejo de meu coração neste último momento de minha vida. Sim, meus caríssimos irmãos, escutai as últimas palavras de vosso pai, pois são aquelas de nosso amado Salvador: “Amai-vos uns aos outros”.

Desejo, meus caros irmãos, que esta caridade que vos deve unir todos juntos como membros do mesmo corpo se estenda a todas as outras congregações. Ah! Eu vos peço, pela caridade sem limites de Jesus Cristo, não vos permitais nunca ter inveja de ninguém, sobretudo daqueles que o bom Deus chama a trabalhar como vós, no estado religioso, na instrução da juventude. Sede os primeiros a vos alegrardes por seus êxitos e lastimardes suas desgraças. Recomendai-os muitas vezes ao bom Deus e a sua Divina Mãe; cedei-lhes sem constrangimento. Não deis nunca atenção a conversas capazes de prejudicá-los. A glória de Deus e a honra de Maria sejam unicamente vosso objetivo e toda a vossa ambição.

Como vossas vontades devem identificar-se com as dos padres da Sociedade de Maria na vontade de um superior único e geral, desejo que vossos corações e vossos sentimentos também se identifiquem sempre em Jesus e Maria. Os interesses deles sejam os vossos; vosso prazer seja ajudá-los pressurosamente todas as vezes que a isso fordes solicitados.

Um mesmo espírito, um mesmo amor vos ligue a eles como ramos a um mesmo tronco e como filhos de uma só família a uma boa mãe, Maria. O superior-geral dos padres, na qualidade de superior dos irmãos, deve ser o centro de união de uns e de outros. Como os irmãos sempre demonstraram inteira submissão, desejo igualmente que o superior-geral encontre sempre a mesma obediência da parte deles. Seu espírito é o meu e sua vontade é a minha. Encaro essa concordância perfeita e essa inteira submissão como a base e o sustentáculo da Sociedade dos Irmãos de Maria.

Peço ainda a Deus e desejo com todo o ardor de meu coração que persevereis fielmente no santo exercício da presença de Deus, alma da oração, da meditação e de todas as virtudes. A humildade e a simplicidade sejam sempre a característica dos Pequenos Irmãos de Maria.

Uma devoção terna e filial por vossa Boa Mãe vos anime em todo o tempo e em todas as circunstâncias. Tornai-a amada por todos, tanto quanto vos for possível. Ela é a primeira superiora de toda a Sociedade.

Juntai à devoção a Maria, a devoção ao glorioso São José, seu digníssimo esposo. Vós sabeis que ele é um dos nossos primeiros patronos.

Vós exerceis o papel de anjos da guarda dos alunos que vos são confiados: rendei também a estes puros espíritos um culto particular de amor, de respeito e de confiança.

Meus queridos irmãos, serdes fiéis à vossa vocação, amai-a e perseverai nela corajosamente. Conservai-vos num grande espírito de pobreza e de desapego. A observância diária de vossas santas regras vos preserve de jamais faltar ao voto sagrado que vos liga à mais bela e à mais delicada das virtudes. Para viver como bom religioso exige-se sacrifício; mas a graça suaviza tudo. Jesus e Maria vos ajudarão; aliás, a vida é bem curta e a eternidade jamais acabará. Ah! Como é consolador, no momento de se apresentar diante de Deus, lembrar-se de que a gente viveu sob os auspícios de Maria na sua Sociedade! Digne-se esta Boa Mãe vos conservar, multiplicar e santificar!...

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunicação do Espírito Santo estejam sempre convosco! Deixo-vos todos, confiante, nos sagrados corações de Jesus e Maria, esperando que nos possamos reunir todos juntos na eternidade bem-aventurada. Tal é minha última expressa vontade, para a glória de Jesus e de Maria.

O presente testamento espiritual será entregue às mãos do Pe. Colin, Superior-Geral da Sociedade de Maria.

**Dado em Nossa Senhora de L'Hermitage,
em 18 de maio de 1840,
na presença das testemunhas abaixo relacionadas:**

Champagnat

**Padre Marcelino José Bento Champagnat,
Superior e Fundador dos Pequenos Irmãos de Maria.**

**Irmão Francisco, Ir. Luís Maria, Ir. João Batista,
Ir. Luís, Ir. Estanislau e Ir. Boaventura.**

Testemunhas



Durante sua doença, ele teve o prazer de receber a visita de muitos dos antigos colegas de seminário, sobretudo daqueles com os quais planejava a fundação da Sociedade de Maria.

Os vômitos multiplicavam-se. Mas, na quinta-feira, 4 de junho, cessaram inesperadamente.

Assim o Pe. Champagnat pôde receber o viático, o que, para ele, foi uma grande consolação.

“Tomai completa a minha; alegria, tendo todos o mesmo pensar, a mesma caridade, uma só alma e um mesmo sentir.” (Fil 2,2)



XXVIII

A LUZ APAGA-SE

O ambiente de L'Hermitage era de recolhimento. Todos falavam baixinho como não querendo acordar alguém que dorme. Humanamente falando, não há mais esperança. Esgotaram-se os últimos recursos da medicina. O Pe. Champagnat estava agonizante.

Abatido pela doença, guardava, entretanto, a lucidez do espírito. O Pe. Champagnat sabia o que iria acontecer e estava preparado para o encontro definitivo com Cristo, a quem amou e serviu. Os que estavam perto verificavam que ele rezava continuamente. Outra parte da comunidade estava na capela, fazendo a oração da manhã.

De repente, o Pe. Champagnat exclama: — Irmãos, a luz apaga-se.

— Desculpe, padre, mas a luz está normal.

—Ah! Então é a luz de meus olhos que se apaga. Chegou minha hora. Deus seja louvado! Às 4h20min, sua respiração tornou-se lenta e penosa. Na capela, os irmãos cantavam a Salve-Rainha. Em torno dele, rezavam-se as orações dos agonizantes. Foi ouvindo cantos e orações que morreu MARCELINO JOSÉ BENTO CHAMPAGNAT, em um sábado, 6 de junho de 1840.

Ele foi enterrado, no outro dia, no pequeno cemitério de L'Hermitage.

Depois de sua beatificação, em 29 de maio de 1955, seus restos mortais foram depositados em uma urna de bronze dourado que repousa sobre o altar de granito azul e róseo da capela Champagnat, em L'Hermitage.

“E agora confio-vos a Deus e à palavra da sua graça, que tem o poder de construir o edifício e de vos conceder parte na herança com todos os santificados.” (At 20,32)



XXIX

A DESPEDIDA

Naquele 6 de junho de 1840, a Congregação dos Irmãos Maristas mantinha 40 escolas e contava com 280 membros.

Hoje, quase três mil Irmãos Maristas e dezenas de milhares de leigos(as) espalham-se por todos os continentes, realizando o sonho do Pe. Champagnat: “Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos”.

Mas não é o número elevado de membros, **religiosos e leigos**, nem de casas que faz a grandeza de uma congregação religiosa. Sua grandeza está na autêntica manifestação do Evangelho, no testemunho de uma existência vivida para os outros.

Essa é a grande lição de Marcelino Champagnat. Sua vida foi uma manifestação do Evangelho. Como Cristo, ele passou fazendo o bem sobre a terra.

Diante desta vida, da vida extraordinária de um sacerdote que se considerava apenas um instrumento nas mãos de Deus, penso nas palavras da Virgem Maria que estão no evangelho de

S. Lucas: “O Senhor depôs os poderosos de seus tronos, e exaltou os humildes” (2,51-52).

Para nos despedirmos de MARCELINO JOSÉ BENTO CHAMPAGNAT, podemos fazer nossas as palavras de S. Paulo em sua 1ª carta, Tessalonicenses 1,3: “Lembramo-nos sem cessar de vós nas nossas orações, recordando: a atividade da vossa fé, o esforço da vossa caridade e a constância da esperança que tendes em Nosso Senhor Jesus Cristo.”





PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-NORTE